

ISSN 0100-9443

asileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA



Vinculada ao Ministério da Agricultura

Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte-CNPGC

Campo Grande, MS



PRODUÇÃO E COMÉRCIO
DE CARNE BOVINA

Campo Grande, MS
1988

ISSN 0100-9443



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte-CNPGC
Campo Grande, MS

PRODUÇÃO E COMÉRCIO DE CARNE BOVINA

Afonso Simões Corrêa

Campo Grande, MS

1988

EMBRAPA-CNPGC. Documentos, 36

ISBN 85-297-0002-3

Exemplares desta publicação podem ser solicitados ao:
CNPGC

Rodovia BR 262, km 4

Telefone: (067) 763.1030

Telex: (067) 2153

Caixa Postal 154

CEP 79080 - Campo Grande, MS

Tiragem: 2.000 exemplares

COMITÊ DE PUBLICAÇÕES

Kepler Euclides Filho - Presidente

Liana Jank - Secretária Executiva

Alberto Gomes

Cesar Heraclides Behling Miranda

Maria Antonia Ulhôa Cintra de Oliveira Santos

Jurandir Pereira de Oliveira

Valéria Pacheco Batista Euclides

Zenith João de Arruda

Editoração: Rita Regina Rocha

Normalização: Maria Antonia U. Cintra de O. Santos

Datilografia: Eurípedes Valério Bittencourt

Desenho: Paulo Roberto Duarte Paes

CORRÊA, A.S. Produção e comércio de carne bovina.
Campo Grande, EMBRAPA-CNPGC, 1988. 38p. il.
(EMBRAPA-CNPGC. Documentos, 36).

1. Bovino - Carne - Produção. 2. Bovino - Carne - Comércio. 3. Carne - Produção. 4. Carne - Comércio. I. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, Campo Grande, MS. II. Título. III. Série.

CDD 641.362

© EMBRAPA 1988

SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
1 PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARNES	5
2 MERCADO INTERNACIONAL DE CARNE BOVINA	11
3 PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CARNES	17
4 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA	19
5 ABASTECIMENTO E CONSUMO INTERNO	27
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXOS	33

PRODUÇÃO E COMÉRCIO DE CARNE BOVINA¹

Afonso Simões Corrêa²

1 PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARNES

Segundo estimativas da FAO, a produção mundial de carne em carcaça, incluindo todas as espécies, tem variado em torno de 140 milhões de toneladas anuais. As chamadas carnes vermelhas — bovina, bubalina, ovina, caprina, eqüina e suína — representam 80,5% da produção total, correspondendo os 19,5% restantes à carne de aves. Aproximadamente 40% das carnes vermelhas e 32% da produção total são representadas pela carne bovina.

A Tabela 1 mostra a contribuição das diferentes espécies animais para a produção total de carnes e as variações de produção entre anos. Essas variações, para mais ou para menos, são causadas pela ocorrência de fenômenos climáticos nos países produtores (secas prolongadas ou inverno rigoroso) que afetam a produção de forragem e, no caso particular dos bovinos, pela oscilação de preços dos ciclos pecuários. Nos anos de escassez de forragens abates e a oferta de carne aumentam à custa da redução dos rebanhos. O mesmo acontece com a matança de vacas nas épocas de preços baixos. Nos anos seguintes, em que se processa a recomposição dos rebanhos, os abates e a oferta de carne diminuem. Por outro lado, quando a produção de carne bovina decresce observa-se a tendência de aumento de produção das carnes substitutivas de suínos e aves.

A Tabela 2, baseada na produção média dos últimos 6 anos (1979-1984), mostra a participação percentual

¹ Palestra apresentada na Reunião de Elaboração de Projetos de Pesquisa, realizada no CNPGC de 28 de julho a 1º de agosto de 1986.

² Eng.-Agr., EMBRAPA-Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC), Rodovia BR 262, km 4, Caixa Postal 154 - CEP 79080 - Campo Grande, MS.

TABELA 1. Produção mundial de carnes, por espécie animal, em 1.000 t (1979-1984).

Espécie	1979/81 (média)	1982	1983	1984
Produção total	139.909	136.669	140.838	144.070
Carne bovina	45.507	43.975	44.938	45.751
Carne de búfalo	1.267	924	946	981
Carne de ovinos	5.821	5.994	6.207	6.115
Carne de caprinos	1.995	1.934	1.970	2.042
Carne de eqüídeos	590	492	505	504
Carne de suínos	54.581	52.080	54.155	55.460
Carne de aves	27.278	28.146	28.940	29.958
Outras carnes ¹	2.870	3.124	3.177	3.259

¹de outras espécies, inclusive animais silvestres

FONTE: FAO Production Yearbook, 1981-1984.

TABELA 2. Participação relativa dos diversos Continentes na produção mundial de carnes. (Médias do período 1979-1984).

Continentes	Todas as carnes	Carne bovina	Carne suína	Carne de aves	Outras carnes
Produção mundial (1.000 t)	140.217	45.197	54.240	28.130	12.650
	----- % -----				
América do Norte e Central	21,5	28,0	15,7	29,6	5,0
América do Sul	8,4	15,2	3,2	9,3	4,3
África	4,9	6,5	0,7	1,2	18,2
Europa	27,9	23,3	35,1	25,8	18,0
URSS	11,2	15,2	10,0	8,4	8,8
Ásia	23,3	7,2	34,7	21,1	36,2
Oceania	2,8	4,6	0,6	4,6	9,5

FONTE: FAO Production Yearbook, 1981-1984.

dos diversos Continentes na produção de carne das principais espécies — bovinos, suínos e aves. Observa-se, na Tabela, que a Europa é a maior produtora de carne de suínos, com 35%, e a segunda maior produtora de carne bovina (23%) e de aves (26%). As Américas do Norte e Central contribuem com 21% de todas as carnes, destacando-se como maiores produtoras de carne bovina (28%) e de aves (30%). A Ásia participa com 23% na produção total, tem a mesma participação da Europa na produção de carne de suínos (35%), ocupa o 2º lugar na produção de carne de aves (21%) e é a maior produtora de outras carnes (36%), principalmente carne de búfalo e de caprinos. A América do Sul participa da produção de carne bovina com o mesmo percentual (15%) da União Soviética, não se destacando na produção das demais espécies.

A Tabela 3, baseada nas produções médias de 1979 a 1984, mostra a participação relativa dos bovinos, suínos, aves e demais espécies na produção mundial e a nível de Continente. Com cerca de 39% da produção total, os suínos são a espécie que mais contribui para a produção mundial de carnes, seguidos pelos bovinos, com 32%, e pelas aves com 20%. Essas três espécies, em conjunto, contribuem com 91% da produção total de carnes, enquanto todas as demais (ovinos, caprinos, bubalinos, eqüinos e outras) contribuem com apenas 9%.

A nível de continente, a produção de carne bovina predomina na Oceania (53%), nas Américas (47%), União Soviética (44%) e na África (42%), enquanto a carne de suínos predomina na Europa e na Ásia, com 49 e 58%, respectivamente, da produção total desses Continentes. Com exceção da Oceania, as carnes de aves têm presença expressiva em todos os Continentes, destacando-se as Américas do Norte e do Sul, com 28 e 22%, respectivamente.

A Tabela 4, também baseada em médias, compara as produções total e das diversas espécies, nos países desenvolvidos, com as produções obtidas nos países em desenvolvimento. Observa-se que os primeiros contribuem com 2/3 da produção total e das carnes dos bovinos, suínos e aves, enquanto os últimos

TABELA 3. Participação relativa das principais espécies animais na produção mundial de carne, segundo os Continentes. (Médias do período 1979-1984).

Continentes	Todas as carnes (1.000 t)	Participação relativa, por espécie			
		Carne bovina	Carne suína	Carne de aves	Outras carnes
		%	%	%	%
Produção mundial	140.217	32,2	38,7	20,1	9,0
América do Norte e Central	30.129	42,0	28,2	27,7	2,1
América do Sul	11.721	58,6	14,6	22,2	4,6
África	6.905	42,4	5,5	19,0	33,1
Europa	39.161	26,9	48,7	18,5	5,9
URSS	15.760	43,5	34,5	15,0	7,0
Ásia	32.622	10,0	57,8	18,2	14,0
Oceania	3.920	53,3	7,6	8,6	30,5

FONTE: FAO Production Yearbook, 1981-1984.

TABELA 4. Produção de carne, segundo a espécie, por grupos de países — desenvolvidos e em desenvolvimento. (Médias do período 1979-1984).

Espécies	Produção total (1.000 t)	Países desenvolvidos %	Países em desenvolvimento %
Todas as carnes	140.217	64,5	35,5
Carne bovina	45.197	70,6	29,4
Carne suína	54.240	62,9	37,1
Carne de aves	28.130	67,9	32,1
Outras carnes	12.650	28,0	72,0

FONTE: FAO Production Yearbook, 1981-1984.

se destacam na produção (72%) das carnes das demais espécies (búfalos, ovinos, caprinos, eqüinos, etc.). Convém notar que os países desenvolvidos, embora contribuam com 2/3 das carnes de bovinos, suínos e aves, detêm apenas 34, 43 e 45%, respectivamente, dos efetivos mundiais dessas espécies (FAO Production Yearbook, 1981-1984).

2 MERCADO INTERNACIONAL DE CARNE BOVINA

Existe no mundo, sobretudo entre os povos subdesenvolvidos, uma demanda potencial permanente e insatisfeita por produtos de origem animal. Se a produção mundial de carnes fosse dividida equitativamente pela população humana, de quase 5 bilhões de pessoas, daria uma quota média anual de 28 kg *per capita*. Mas, enquanto os povos desenvolvidos consomem três vezes essa quantidade (76 kg/hab/ano), os subdesenvolvidos consomem menos da metade, existindo uma grande parcela da humanidade que não tem acesso a esses produtos.

A carne bovina, de custo mais elevado, tem um consumo ainda mais restrito do que as demais. Só o mercado americano consome de 30 a 35% da produção mundial e o europeu outros 20 a 25%, sobrando menos de 50% para atender o resto da humanidade.

Os principais países consumidores são também grandes produtores e respondem pela maior parte das importações. Anualmente, são comercializadas no mercado internacional cerca de 3,5 milhões de toneladas de carne bovina, correspondente, aproximadamente, a 8% da produção mundial. Os Estados Unidos, que produzem 30% do total mundial, ainda compram cerca de 25% da carne comercializada internacionalmente.

O mercado americano consome anualmente cerca de 18,6 milhões de toneladas de carnes vermelhas e 5,3 milhões de toneladas de carne de aves. Para o consumo médio anual de 110 kg *per capita* dos norte-americanos, as carnes vermelhas contribuem com 70% e as carnes de aves com 30%.

As importações americanas de carne bovina variam em torno de 800 mil toneladas anuais, em equivalente carcaça. Cerca de 78% dessas importações são de carne "in natura" (fresca, refrigerada ou congelada) e aproximadamente 22% de carnes industrializadas, destinadas a reprocessamento. Todas as carnes importadas "in natura" da Austrália, Nova Zelândia, México e América Central são industrializadas para consumo. As carnes "in natura" dos países sul-americanos não têm acesso ao mercado americano por causa da febre aftosa.

A Europa Ocidental é outro mercado de expressão no comércio internacional de carne bovina. A Comunidade Econômica Européia (CEE) contribui com cerca de 16% para a produção mundial e participa tanto das importações quanto das exportações de carne bovina.

Na CEE, a produção de carne bovina varia em função dos subsídios concedidos aos produtores de leite. Com subsídios elevados, os produtores retêm a quase totalidade das fêmeas, diminuindo a oferta de animais para abate. Com a redução dos subsídios, em decorrência da elevação dos estoques de leite e derivados, os produtores também reduzem seus rebanhos, sacrificando novilhas.

Os estoques de leite e de carne da CEE variam em sentido inverso. Quando aumenta o estoque de leite e derivados diminui o de carne. Diminuindo o estoque de leite aumenta o de carne. Através de uma política agrícola comum os países da Comunidade procuram equilibrar os estoques desses produtos, importando-os quando há falta e exportando-os, geralmente a preços subsidiados, quando há excesso.

De acordo com sua participação na produção e no comércio internacional os mercados nacionais podem ser classificados em exportadores, importadores e auto-suficientes ou independentes do mercado internacional.

São mercados exportadores: Austrália, Argentina, Nova Zelândia, Uruguai, México e América Central, enquanto os principais mercados importadores são os Estados Unidos, União Soviética, Países Europeus, Oriente Médio e alguns países africanos e do Extremo-Oriente.

Entre os países auto-suficientes podem ser apontados os da Europa Oriental, Canadá, Brasil e demais países da América do Sul, Ásia e África. Auto-suficiência, neste caso, não significa que a produção desses países seja suficiente para abastecer o mercado interno. Trata-se, tão somente, de países que não dependem do mercado internacional.

Embora a participação brasileira no mercado internacional de carne tenha aumentado expressivamente nos últimos anos, o Brasil ainda não é considerado exportador tradicional, já que os excedentes exportados resultam quase sempre da redução do consumo interno. A maior parte das exportações brasileiras é de carne industrializada e parte dessas exportações é de carne importada "in natura" do Uruguai sob o regime de "draw-back". A Argentina e a CEE também sobressaem como exportadoras de industrializados, sendo que na CEE preponderam os produtos prontos para o consumo, enquanto na Argentina e no Brasil a maior parte das exportações são de produtos destinados a reprocessamento posterior.

Segundo o grau de processamento industrial dos produtos comercializados, as trocas internacionais de carne bovina obedecem aproximadamente às seguintes proporções (FAO Trade Yearbook, 1981):

- carne "in natura" (fresca, refrigerada ou congelada)	79%
- produtos industrializados destinados a reprocessamento	15%
- produtos industrializados destinados ao consumo	6%

Os principais fluxos desses produtos são os seguintes:

A Austrália e a Nova Zelândia vendem a quase totalidade (90 a 95%) de suas exportações sob a forma de carne "in natura", destinadas aos Estados Unidos ($\pm 80\%$), ao Mercado Comum Europeu ($\pm 15\%$) e ao Japão, Coréia e outros países asiáticos.

A Argentina é o principal exportador de produtos industrializados para o mercado internacional, destinados, principalmente, aos Estados Unidos e à Inglaterra. Exporta também carne "in natura" para a CEE e, ultimamente, com as restrições impostas pelos países europeus, tem exportado para o Brasil sob o regime de "draw-back". O Uruguai exporta carne "in natura" para a CEE e também, sob regime de "draw-back", para o Brasil.

O México e alguns países da América Central têm um fluxo permanente de carne "in natura" e de gado vivo para o mercado americano.

O Brasil exporta carne industrializada para os Estados Unidos, Antilhas, Inglaterra, Itália e vários outros países, e carne "in natura" para a Europa Ocidental, Oriente Médio e alguns países africanos e asiáticos.

A Tabela 5 mostra a participação dos principais países produtores na produção mundial e no comércio internacional de carne bovina. Observa-se, quanto à produção, tendência de queda na Austrália e na Argentina e de aumento na CEE e na URSS. No caso australiano a queda de produção se deve à redução do rebanho, em consequência da seca prolongada que assolou aquele País entre 1976 e 1983. No caso da CEE, o aumento da produção de carne pode ser atribuído à redução dos subsídios concedidos aos produtores de leite e à maior oferta de fêmeas para abate.

Observa-se também, na Tabela 5, que as trocas internacionais aumentaram em 1982 e decaíram em 83 e 84. Nos dois últimos anos a Austrália e a Argentina tiveram suas exportações reduzidas, aquela por causa da seca e esta pela perda de mercado com a Guerra das Malvinas. Por outro lado, a CEE, com estoques elevados de carne, reduziu suas importações e aumentou as exportações para países não pertencentes à Comunidade, exercendo uma pressão baixista nos preços internacionais.

O consumo de carne bovina varia muito de um país para outro, conforme mostra a Tabela 6. É mais elevado nos países produtores (Estados Unidos, Canadá, Argentina, Uruguai, Austrália e Nova Zelândia) e mais modesto nos países

TABELA 5. Produção e comércio internacional de carne bovina. (Países selecionados).

Discriminação	1977-81 (média)	1982	1983	1984
	----- 1.000 t -----			
PRODUÇÃO	41.327	40.766	41.107	41.970
Estados Unidos	10.681	10.425	10.748	10.929
Canadá	1.028	1.032	1.036	977
Argentina	2.990	2.579	2.384	2.570
Brasil	2.230	2.397	2.365	2.300
Uruguai	405	472	513	438
CEE	6.781	6.601	6.849	7.400
URSS	6.830	6.618	7.011	7.200
Austrália	1.803	1.676	1.412	1.248
Nova Zelândia	525	521	536	461
Outros países	8.054	8.443	8.253	8.427
IMPORTAÇÃO	2.585	2.609	2.592	2.580
Estados Unidos	958	888	885	838
Canadá	86	88	91	115
CEE	428	407	318	291
URSS	297	439	529	541
Japão	159	174	196	208
Outros países	657	613	573	587
EXPORTAÇÃO	3.352	3.532	3.419	3.311
Estados Unidos	76	115	125	152
Argentina	595	522	415	250
Brasil	180	398	503	526
Uruguai	96	119	158	179
CEE	394	416	484	727
Austrália	1.005	942	767	616
Nova Zelândia	353	366	372	288
Outros países	653	654	595	573

FONTES: AGROANALYSIS, 1985-1986.

FAO Production Yearbook, 1981-1984.

Foreign Agriculture Circular, 1985.

TABELA 6. Consumo médio *per capita* de carne bovina.
(Países selecionados).

Países/Regiões	1979-81 (média)	1982	1983	1984
	----- kg/hab/ano -----			
Estados Unidos	48,2	48,1	49,0	49,0
Canadá	41,4	42,2	41,8	40,4
México	17,1	18,8	16,2	17,0
América Central	11,1	11,5	10,0	10,1
Argentina	85,6	70,4	66,2	76,8
Brasil	16,5	16,1	14,5	13,4
Colômbia	24,3	24,0	21,4	21,5
Uruguai	74,1	73,6	64,1	61,5
Venezuela	24,1	24,4	21,4	19,4
CEE	25,5	23,9	24,0	24,3
Europa Oriental	18,2	17,2	17,2	16,8
URSS	26,5	26,0	27,6	27,5
Arábia Saudita	5,6	7,0	6,9	7,7
Israel	17,2	19,3	17,9	16,4
Egito	8,7	8,8	9,4	10,3
África do Sul	21,1	20,0	19,0	19,3
Japão	5,1	5,5	5,8	6,1
Filipinas	3,0	3,7	3,6	3,1
Austrália	52,7	48,4	41,3	40,4
Nova Zelândia	55,8	52,9	53,7	51,1

FONTES: FAO Production Yearbook, 1981-1984.
Foreign Agriculture Circular, 1985.

importadores. Nos países subdesenvolvidos o consumo de carne chega a níveis muito baixos. Segundo a FAO (1981-1984), a disponibilidade de alimentos de origem animal no mundo seria de 23,3 gramas de proteína, 414 calorias e 31,6 gramas de gordura por habitante/ano. Mas, enquanto os povos desenvolvidos dispõem de 56,6 gramas de proteína, 1.028 calorias e 79,8 gramas de gordura por pessoa, os povos subdesenvolvidos disporiam apenas de 11,5 gramas, 195 calorias e 14,4 gramas, respectivamente.

3 PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CARNES

Embora ocupe lugar de destaque no Mundo quanto aos efetivos de seus rebanhos, o Brasil não sobressai como produtor de carne. É verdade que nossas estatísticas pecuárias são pouco fidedignas e não devem representar a produção real dos rebanhos nacionais. Admite-se, por exemplo, que os abates clandestinos de bovinos, não estimados nas estatísticas, correspondam a 30% ou mais do total de abates dessa espécie. A Tabela 7 e o Anexo 1 mostram a participação das diversas espécies animais na produção brasileira de carnes.

De acordo com as estatísticas disponíveis o incremento da produção de carne no País tem sido pequeno e irregular. Enquanto a produção total das diversas espécies cresceu 21,5% de 1977 a 1982 e decresceu 8% de 82 a 84, a produção de carne bovina variou bastante nesse período e sempre abaixo do nível alcançado em 1977 (Tabela 7).

A maior contribuição para o aumento da produção de carnes, nesse período, foi da carne de aves, que teve um incremento de 130%, enquanto a carne de suínos contribuiu com apenas 11,4% e as demais espécies tiveram participação negativa. Em 1977 a carne bovina representava 70% e as carnes de suínos e de aves 15 e 14%, respectivamente, da produção total de carnes do País. Decorridos 8 anos, a participação da carne bovina caiu para 55%, a carne suína manteve praticamente o mesmo percentual (15%) enquanto a carne de aves dobrou a sua participação, com 29% do total.

TABELA 7. Participação das diversas espécies animais na produção brasileira de carnes (1977-84).

Ano	Total		Carne bovina		Carne suína		Carne de aves		Outras carnes ¹	
	1000 t	%	1000 t	%	1000 t	%	1000 t	%	1000 t	%
1977	3.503		2.446	69,8	509	14,6	497	14,2	52	1,4
1978	3.531		2.320	65,7	566	16,0	587	16,6	57	1,7
1979	3.496		2.114	60,5	611	17,5	713	20,4	58	1,6
1980	3.747		2.084	55,6	699	18,7	915	24,4	49	1,3
1981	3.918		2.115	54,0	709	18,1	1.049	26,8	45	1,1
1982	4.255		2.397	56,3	626	14,7	1.192	28,0	40	1,0
1983	4.249		2.365	55,7	647	15,2	1.204	28,3	33	0,8
1984	3.910		2.162	55,3	567	14,5	1.146	29,3	35	0,9
Variação (%) (1977-84)	11,6		-11,6	11,4	130,6	-32,7	...

¹Ovinos, caprinos e eqüídeos.

FONTE: Anuário Estatístico do Brasil, 1979-1985.

A variação entre anos, observada na produção de carne bovina, é atribuída à maior ou menor matança de vacas nas fases descendente ou ascendente dos ciclos pecuários. Em 1977 o ciclo de preços encontrava-se no ponto mais baixo de sua fase descendente e houve, neste ano, grande matança de vacas que se refletiu no aumento da produção de carne (Tabela 8 e Figura 1). De 1978 a meados de 1980 o ciclo esteve em ascensão, diminuindo a matança de vacas e, conseqüentemente, a produção de carne. Com a queda de preços em meados de 80 iniciou-se nova fase descendente do ciclo, que continuou até 1982 com o incremento no abate de vacas e na produção de carne. Em 1983 os preços voltaram a subir e no ano seguinte a produção caiu 9,8% em relação a 1982 (Tabela 8).

O ciclo pecuário pode explicar a variação de produção entre anos, mas não justifica a aparente estagnação da produção de carne bovina ao longo dos últimos 10 anos (veja Anexo 1), quando, nesse período, tanto o rebanho quanto a área de pastagens cultivadas têm crescido continuamente. É provável que os abates clandestinos (principalmente de vacas), muito mais elevados do que se supõe, sejam os responsáveis por essa situação. Este é um tema que merece a atenção da pesquisa, especialmente da área econômica.

4 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA

Até o final da década de 70 o Brasil era um exportador eventual de carne bovina, que vendia no Mercado Internacional pequenos excedentes de sua produção e a carne processada que importava "in natura" do Uruguai sob o regime de "draw-back". Nos anos 80, com a redução do consumo interno e as facilidades e incentivos concedidos às exportações, o País passou a ter uma presença mais constante e significativa no Mercado Internacional de carne.

Para se ter idéia da evolução das vendas externas convém separá-las em dois grandes grupos: exportações de carne "in natura" e de produtos industrializados.

TABELA 8. Produção de carne bovina no Brasil e composição dos abates (1977-84).

Ano	Produção (1.000 t)	Variação (%)	Composição dos abates (%)		
			Bois	Vacas	Vitelas
1977	2.445,5	+12,4	60	39	1
1978	2.320,0	- 5,1	68	31	1
1979	2.114,2	- 8,9	71	28	1
1980	2.083,8	- 1,4	81	19	0
1981	2.115,0	+ 1,5	77	22	1
1982	2.396,6	+13,3	65	34	1
1983	2.364,6	- 1,3	66	33	1
1984	2.161,5	- 8,6	71	28	1

FONTE: Retrospectiva da Agropecuária, 1984-1985.

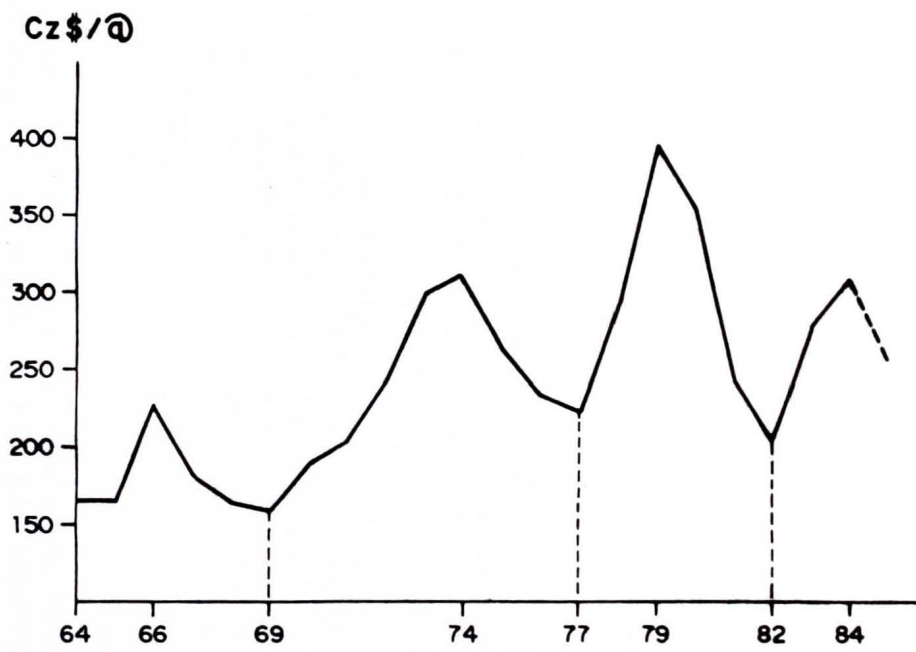


FIG. 1. Ciclo de preços do boi gordo (1964-1984).

As carnes "in natura" são exportadas sob a forma de carne fresca, refrigerada ou congelada, com e sem osso (Anexo 3). Alguns mercados, como o britânico, exigem cortes especiais sem osso para reduzir os riscos de introdução da aftosa através da carne com osso.

Quanto às carnes industrializadas, o Brasil produz e exporta dois produtos básicos: "canned corned beef" e "frozen cooked beef" (Anexo 4).

Esses produtos são fabricados quase exclusivamente para o mercado externo e ambos são elaborados mediante cozimento da carne, cujo caldo é concentrado e enlatado como "extrato de carne", destinado também à exportação. A indústria aproveita carnes de 2ª e 3ª qualidade, que antes eram transformadas em charque. O Estado de São Paulo é o maior centro industrial de carnes do País.

O "corned beef" é um produto tradicional, e o Brasil e a Argentina são os principais produtores, respondendo, em conjunto, por 75% da produção mundial desse tipo de industrializado. Os Estados Unidos e a Inglaterra absorvem mais de 80% dessa produção.

O "frozen cooked beef" (FCB) é um produto mais elaborado, cujo processo de fabricação foi desenvolvido na Argentina para superar as restrições impostas pelos Estados Unidos às importações da carne "in natura" procedentes daquele País. O Brasil e a Argentina contribuem com cerca de 90% da produção mundial de FCB, que é exportada, em sua maior parte, para o mercado americano, onde é utilizado como matéria prima pelas indústrias de processamento de carne.

Com as restrições impostas às importações de carne sul-americana "in natura" por alguns países da Comunidade Econômica Européia, estes passaram a importar carne cozida congelada (FCB), destacando-se entre os importadores a Inglaterra, Alemanha Ocidental, Itália e Espanha.

Em decorrência da Guerra das Malvinas e da retração dos países europeus em relação à carne Argentina,

o Brasil ampliou expressivamente suas exportações para esses países. De 1982 a 1984, as exportações argentinas decresceram mais de 50%, enquanto as exportações brasileiras tiveram um incremento de 32%. Contribuiu para isso a maxi-desvalorização do cruzeiro em 1983, que tornou a carne brasileira mais competitiva no mercado externo. Ultimamente, o Brasil vem pleiteando sua participação no mercado de carne bovina de tipo especial, a chamada "Quota Hilton".

A Tabela 9 mostra o volume e os valores — FOB das exportações brasileiras no período de 1977 a 1983. Os preços variam com a oferta de carne no Mercado Internacional. Observa-se, na Tabela, que os preços subiram de 1977 a 1980, ano em que atingiram os valores mais altos do período: US\$ 2,140 e US\$ 3,217, por tonelada exportada de carne "in natura" e industrializada, respectivamente.

A partir de 1982/83, a CEE lançou seus estoques de carne no mercado, a preços subsidiados, forçando a queda dos preços internacionais. Com isso, os demais países exportadores, inclusive o Brasil, passaram a exportar mais carne e a receber menos dólares. Em 1983, o volume de carne "in natura" exportado pelo Brasil correspondeu a 2,6 vezes o volume exportado em 1981, enquanto o valor arrecadado representou apenas 1,7 vezes o valor obtido naquele ano. Com a carne industrializada aconteceu o mesmo.

Uma das características das exportações brasileiras é a grande dispersão dos mercados importadores. Exporta-se carne brasileira para países de todos os Continentes, conforme mostram a Tabela 10 e a Figura 2. A Europa Ocidental, principalmente a Inglaterra, Alemanha Ocidental, Itália, Espanha, países membros do Benelux e alguns países do Oriente Médio (Israel e Iraque) respondem por cerca de 70% das importações de carne "in natura", enquanto os Estados Unidos, Inglaterra e Itália absorvem mais de 70% da carne industrializada exportada pelo Brasil.

TABELA 9. Exportações brasileiras de carne bovina (1977-1983).

Ano	Carnes "in natura"			Carnes industrializadas		
	Quant. (1)	Valor (2)	Preço médio (3)	Quant. (1)	Valor (2)	Preço médio (3)
1977	41,2	39,6	961	68,2	118,8	1.742
1978	13,0	17,2	1.323	53,5	97,5	1.822
1979	4,0	8,0	2.000	45,8	126,9	2.771
1980	8,6	18,4	2.140	72,3	232,6	3.217
1981	69,6	123,6	1.776	98,1	293,7	2.994
1982	139,8	188,3	1.347	102,7	250,5	2.439
1983	179,7	210,3	1.170	128,9	306,3	2.376

(1) em 1.000 t

(2) em US\$ milhões

(3) em US\$/t

Obs.: As carnes "in natura" estão expressas em "peso equivalente carcaça".

FONTE: Suma Agrícola e Pecuária, 1984-1986.

TABELA 10. Mercados importadores de carne bovina do Brasil (1980/83).

Países	Carne "in natura"			Carne industrializada		
	1980/81 (média)	1982	1983	1980/81 (média)	1982	1983
Totais (t)	39.076	139.846	179.765	85.187	102.713	128.863
	----- % -----					
Canadá	-	-	-	2,4	2,7	3,4
Estados Unidos	-	-	-	27,0	20,2	23,9
Antilhas ¹	-	-	-	7,6	5,9	5,0
Inglaterra	4,7	9,7	14,9	32,3	44,1	45,0
Alemanha Ocidental	11,0	8,9	6,7	3,4	1,6	1,6
Suiça	6,4	3,7	3,0	-	-	-
Itália	12,1	7,3	6,8	11,0	5,6	7,2
Benelux ²	8,8	10,3	9,9	-	-	-
França	2,5	1,7	1,7	-	-	-
Espanha	8,0	5,8	7,5	-	-	-
Oriente Médio ³	27,7	15,9	1,1	0,9	1,0	1,2
Egito	-	-	8,7	2,7	2,3	5,1
Arábia Saudita	3,1	1,2	4,8	1,3	1,7	1,3
Iraque	5,9	24,7	23,3	0,7	6,6	2,4
Hong-Kong	0,6	1,7	5,7	-	-	-
Demais países	9,2	9,1	5,9	10,7	8,3	3,9

¹Bahamas, Jamaica, Porto Rico e Trinidad/Tobago

²Bélgica, Holanda e Luxemburgo

³Israel, Jordânia, Líbano e Síria

FONTE: Suma Agrícola e Pecuária, 1984-1986.

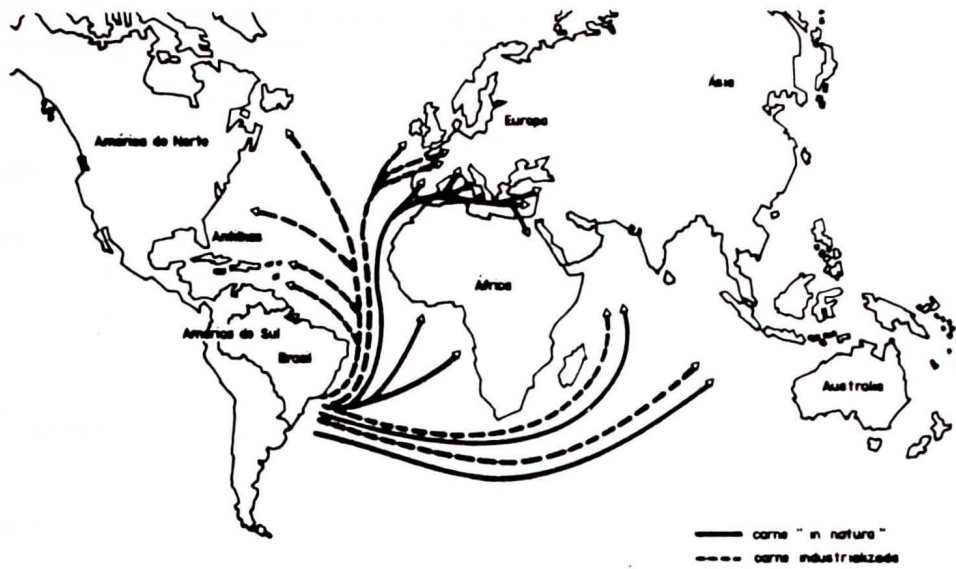


FIG. 2. Exportações brasileiras de carne bovina

Difícilmente as exportações brasileiras conseguirão manter o mesmo desempenho dos últimos anos. Além do aumento da demanda interna, o crescimento dos estoques da CEE, a recuperação da produção australiana e a maior agressividade comercial da Argentina na retomada dos mercados perdidos criarão, certamente, dificuldades aos exportadores brasileiros.

Convém observar que a forma como são apresentadas as estatísticas de exportação tem dado margem a erros de interpretação. Pesos de carne "in natura" e de carne industrializada são quantidades heterogêneas que não podem ser somadas sem antes transformá-las em "peso equivalente carcaça". Para efetuar essa transformação são usados os seguintes coeficientes (Nores 1972):

- carne fresca, refrigerada ou congelada com osso	1,05
- carne fresca, refrigerada ou congelada sem osso	1,50
- carnes industrializadas	2,50

Na Tabela 9, as quantidades de carne "in natura" são apresentadas em "peso equivalente carcaça", pois incluem carne com osso e sem osso, ao passo que as carnes industrializadas figuram com seu peso nominal. Para transformá-las em "peso equivalente carcaça" basta multiplicar as quantidades indicadas por 2,50.

5 ABASTECIMENTO E CONSUMO INTERNO

Apesar da produção nacional de carne bovina corresponder aproximadamente a 5% da produção mundial, e do baixo consumo *per capita* no País, o Brasil atravessa atualmente* a maior crise de abastecimento de carne dos últimos tempos.

*Julho/agosto de 1986.

Considerado auto-suficiente até há poucos anos, quando exportava pequenos excedentes e importava somente em regime de "draw-back" (carne "in natura" destinada à industrialização e à reexportação) o mercado brasileiro de carnes mudou de comportamento nestes últimos anos, passando a figurar como um dos principais exportadores de carne bovina.

De 1980 a 1984 as exportações brasileiras registraram um crescimento de 177%, alcançando valores jamais atingidos antes, de 400 a 500 mil toneladas anuais. Em contrapartida, o consumo interno que variava em torno de 20 kg/hab/ano caiu para 12,6 kg anuais, conforme mostra a Tabela 11. A política de achatamento salarial que prevaleceu nesse período reduziu o poder aquisitivo da população brasileira e forçou-a a substituir a carne bovina pelas carnes de aves e de suínos (ver Anexo 2).

A implantação do Plano Cruzado inverteu essa tendência. Restabeleceu o poder de compra da população e aumentou o consumo de carne bovina, aumentando a demanda desse produto. Estando a produção praticamente estagnada em pouco mais de 2 milhões de toneladas anuais e com 20% comprometidos com a exportação, o mercado brasileiro de carne não tem disponibilidade para fazer face ao crescimento da demanda. Daí a escassez e a cobrança de ágio.

A oferta de carne bovina está sujeita a dois tipos de escassez, de natureza cíclica: a da entressafra, que é estacional e ocorre anualmente e a do ciclo pecuário, de caráter plurianual.

A escassez da entressafra, provocada pela redução dos abates na estação seca, é de duração relativamente curta e pode ser contornada com a política de estoques reguladores ou com o incentivo à engorda de bovinos em confinamento ou semi-confinamento. Essas duas medidas não se excluem, antes se completam e por isso não devem ser adotadas isoladamente.

Os estoques reguladores, de carne congelada, são um recurso eficiente para regularizar o abastecimento e evitar a especulação. Contudo, a conservação em câmaras

TABELA 11. Balanço da oferta e demanda de carne bovina no Brasil em "peso equivalente carcaça" (1977/84).

Ano	Produção 1.000 t	Importação 1.000 t	Exportação 1.000 t	Consumo aparente ¹	
				Total	kg/hab
1977	2.446	29	217	2.258	20,2
1978	2.320	125	148	2.297	20,2
1979	2.114	120	118	2.116	18,2
1980	2.084	65	190	1.959	16,4
1981	2.115	63	315	1.863	15,3
1982	2.397	22	398	1.999	15,8
1983	2.365	24	500	1.889	14,8
1984	2.161	25	527	1.659	12,6
Variação (%)					
1977-84	-11,6	...	142,9	-26,5	-37,6
1980-84	3,7	...	177,4	-15,3	-23,2

¹Consumo aparente = (produção + importação) - exportação

FONTE: Anuário Estatístico do Brasil, 1979-1985.

frigoríficas é um processo caro e a carne congelada não tem a mesma aceitação da carne fresca ou resfriada. Daí a conveniência de complementar a estocagem de carne com a estocagem do boi em pé, através da engorda em confinamento.

Para incentivá-la, no entanto, é indispensável assegurar crédito e preços diferenciados aos produtores. Não seria razoável que a carne de um novilho engordado em confinamento tivesse a mesma cotação da de um boi erado engordado a pasto. O confinamento antecipa a idade de abate e oferece um produto de melhor qualidade, mas é de custo mais elevado do que a engorda tradicional a pasto.

Além de concorrer para o abastecimento na entressafra e para diminuir a ociosidade da indústria frigorífica nessa época, a engorda em confinamento contribui também para aumentar a produtividade da pecuária de corte e a oferta de empregos no meio rural.

A escassez de carne causada pelo ciclo pecuário corresponde ao período de recomposição do rebanho e pode durar dois ou mais anos (Figura 1).

A oferta de animais para abate tem um comportamento cíclico, determinado pela oscilação de preços do boi gordo que se reflete nas cotações do boi magro, do bezerro e da própria matriz. Quando cresce a oferta de boi gordo o preço cai e as demais categorias também se desvalorizam. Intensifica-se a matança de vacas e aumenta a oferta de carne, acentuando a queda dos preços. A matança de vacas compromete a produção de bezerras, a reposição de novilhas e a oferta futura de bois. Decorridos alguns anos, a escassez de novilhas e de bois gordos faz os preços subirem novamente, reduzindo os abates e a oferta de carne.

Na fase de preços baixos os consumidores são beneficiados em detrimento da renda dos pecuaristas, enquanto na fase de recuperação das cotações a renda dos pecuaristas melhora, mas os consumidores são sacrificados com a redução da oferta e a elevação dos preços.

As fases ascendentes de preços correspondem geralmente a crises de abastecimento de carne, de caráter cíclico e duração variável.

A crise atual pode ser considerada atípica. É verdade que estamos na entressafra e na fase ascendente do ciclo pecuário (que o tabelamento tentou interromper artificialmente), mas a valorização do gado não está se processando da forma como ocorria antes. Em condições normais, a valorização do boi gordo é que provoca a elevação dos preços do boi magro e do bezerro. Atualmente, é o preço do bezerro que está empurrando para cima os preços do novilho e do boi gordo. Por outro lado, os preços já estão ultrapassando, em valor real, os preços de 1979, os mais elevados já registrados até agora.

Essa supervalorização pode ser atribuída a três causas fundamentais:

- à seca que assolou a região Centro-Sul do País em 1985 e comprometeu seriamente a produção de bezerros nessa região;
- ao Plano Cruzado, que incentivou a transferência de recursos do mercado financeiro para atividades produtivas, inclusive para a pecuária, inflacionando os preços do gado de cria;
- aos contratos de exportação de carne, que forçam os frigoríficos exportadores a comprar boi com ágio.

Os preços praticados atualmente nas fases de cria e recria inviabilizam a substituição do boi gordo pelo boi magro nas invernações de engorda e os pecuaristas estão convencidos de que sua perda será menor se retiverem os bois no pasto.

Em situações de crise, como essa, o Governo tem lançado mão de medidas de emergência: tabela preços, proíbe as exportações e promove a importação de carne. Essas providências de cunho imediatista podem contornar a crise de abastecimento mas não a solucionam e, sobretudo, não impedem a sua repetição em futuro próximo.

Enquanto não se adotar uma política de longo prazo, que estabeleça diretrizes para a pecuária e implemente medidas de estabilização de mercado, ajustadas ao ciclo de produção do gado de corte, as crises de abastecimento de carne vão continuar se repetindo periodicamente.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGROANALYSIS. Rio de Janeiro, FGV, v.9-10, 1985-1986.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro, FIBGE, v.40-46, 1979-1985.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA. Estudo nacional do mercado de carne e produtos derivados. s.l., SEITEC, 1973. 2v.

FAO PRODUCTION YEARBOOK. Rome, v.35-38, 1981-1984.

FAO TRADE YEARBOOK 1980. Rome, v.34, 1981.

FOREIGN AGRICULTURE CIRCULAR. Whashington, USDA., Apr.1985.

NORES, G. Structure of the Argentina beef cattle economy- A short run model 1960-1970. s.l., Purdue University, 1972. Tese Doutorado.

RETROSPECTIVA DA AGROPECUÁRIA. Rio de Janeiro, FGV, 1984-1985.

SUMA AGRÍCOLA E PECUÁRIA. São Paulo, Tama, 1984-1986.

TEMPO CONSULTORIA E ADMINISTRAÇÃO. Problemas atuais da pecuária de corte e da indústria de carne, 1979. Rio de Janeiro, 1979. 3v. Inédito.

ANEXOS

ANEXO 1. Produção brasileira de carne em carcaça, segundo a espécie (1975-1984).

Ano	Carne bovina (t)	Carne suína (t)	Carne de aves (t)	Carne de eqüídeos (t)	Carne de ovinos (t)	Carne de caprinos (t)
1975	1.790.253	495.639	372.767	48.635	15.297	5.130
1976	2.175.177	541.503	413.170	53.769	12.966	5.134
1977	2.445.520	509.814	496.613	36.167	9.862	4.997
1978	2.319.954	566.259	587.394	43.075	9.360	4.810
1979	2.114.209	610.683	713.105	43.085	9.975	4.711
1980	2.083.768	699.426	914.452	33.149	11.433	4.392
1981	2.115.084	709.135	1.048.821	30.077	10.695	4.186
1982	2.396.642	625.967	1.192.046	24.609	11.493	4.146
1983	2.364.578	646.906	1.204.413	18.880	9.447	4.254
1984	2.161.377	566.979	1.146.151	24.019	7.093	3.782

FORTE: Anuários Estatísticos do Brasil, 1979-1985.

ANEXO 2 - Brasil - Disponibilidade interna de carne bovina, suína e de aves (1975-1984).

Ano	Carne bovina			Carne suína			Carne de aves			Disponibilidade interna	
	Prod. 1.000 t	Export. ¹ 1.000 t	Saldo 1.000 t	Prod. 1.000 t	Export. 1.000 t	Saldo 1.000 t	Prod. 1.000 t	Export. 1.000 t	Saldo 1.000 t	Total 1.000 t	"per capita" kg
1975	1.790	75	1.715	496	5,5	490,5	373	3,5	369,5	2.575,0	24,5
1976	2.176	131	2.045	542	12,0	530,0	413	19,6	393,4	2.968,4	27,5
1977	2.446	188	2.258	510	12,3	497,7	496	32,8	463,2	3.218,9	29,1
1978	2.320	23	2.297	566	4,9	561,1	587	50,1	536,9	3.395,0	29,9
1979	2.114	-	2.114	611	-	611,0	713	81,1	631,9	3.356,9	28,9
1980	2.084	125	1.959	699	-	699,0	914	168,7	745,3	3.403,3	28,6
1981	2.115	252	1.863	709	1,2	707,8	1.049	293,9	755,1	3.325,9	27,3
1982	2.397	376	2.021	626	0,9	625,1	1.192	301,8	890,2	3.536,2	28,3
1983	2.365	476	1.889	647	-	647,0	1.204	289,3	914,7	3.450,7	26,9
1984	2.161	502	1.659	567	-	567,0	1.146	287,5	858,5	3.084,5	23,5

¹Exportação líquida = (exportação - importação)

FONTES: Anuário Estatístico do Brasil, 1979-1985

AGROANALYSIS, 1985-1986

Anexo 3 - Exportações brasileiras de carne bovina "in natura". (1974-1983).

Ano	Carne fresca com osso		Carne fresca sem osso		Carne congelada com osso		Carne congelada sem osso	
	Quant. t	Valor US\$ 1.000	Quant. t	Valor US\$ 1.000	Quant. t	Valor US\$ 1.000	Quant. t	Valor US\$ 1.000
1974	-	107,0	3.951,5	7.015,4	5.832,7	7.302,3	9.554,7	15.107,8
1975	-	-	123,7	275,3	-	-	5.209,7	8.255,0
1976	6.050,0	7.563,4	340,5	739,6	0,4	0,4	5.153,3	7.718,3
1977	8.897,2	11.681,4	89,2	228,3	3.544,8	3.439,8	1.871,0	24.211,5
1978	177,7	209,7	5,0	14,4	6.289,3	8.648,4	4.140,3	8.282,6
1979	35,5	44,9	84,1	430,8	-	-	2.539,2	7.565,2
1980	-	-	363,6	1.880,8	-	-	5.362,0	16.518,2
1981	15,0	66,5	1.404,6	6.646,7	61,6	75,6	44.917,9	116.779,5
1982	-	-	1.331,6	4.358,3	4.035,8	4.478,8	89.074,0	179.450,3
1983	-	-	2.891,2	8.364,3	1.511,6	1.711,8	115.893,8	200.242,2

Obs.: Valores em US\$ 1.000 - FOB

FONTE: Suma Agrícola e Pecuária, 1984-1986

ANEXO 4 - Exportações brasileiras de carne bovina industrializada (1974-1983).

Ano	Corned beef		Frozen beef		Outras carnes		Extrato de carne	
	Quant. t	Valor US\$ 1.000	Quant. t	Valor US\$ 1.000	Quant. t	Valor US\$ 1.000	Quant. t	Valor US\$ 1.000
1974	27.705,6	61.949,6	7.119,7	19.029,7	-	-	1.191	18.337
1975	35.623,1	59.037,3	6.504,4	11.510,4	-	-	526	7.136
1976	52.418,9	90.982,9	11.613,7	22.626,0	-	-	1.463	13.899
1977	56.720,6	95.379,3	11.458,8	23.447,1	-	-	2.555	14.896
1978	43.211,6	76.031,8	10.284,1	21.432,8	-	-	1.391	6.201
1979	38.987,3	108.462,8	6.790,8	24.396,7	-	-	911	4.996
1980	54.021,1	168.582,2	13.373,9	52.913,3	4.870,9	11.068,1	1.347	15.312
1981	82.642,1	243.942,6	12.187,2	46.231,0	3.278,3	3.551,8	1.988	24.390
1982	88.657,9	206.990,8	12.458,5	41.757,3	1.596,9	1.744,7	3.005	22.514
1983	109.735,3	250.157,2	18.439,5	56.351,0	668,7	830,0	3.124	22.000

Obs.: Valores em US\$ 1.000 - FOB

FONTES: Suma Agrícola e Pecuária, 1984-1986

Tempo Consultoria e Administração, 1979

COLABORAÇÃO



EMPAER

EMPRESA DE PESQUISA, ASSISTÊNCIA TÉCNICA
E EXTENSÃO RURAL DE MATO GROSSO DO SUL
VINCULADA À SECRETARIA DE AGRICULTURA E PECUÁRIA

*Participando do
desenvolvimento
do Estado de Mato
Grosso do Sul*